



Nos

REVISTA

CULTURA, ESTÉTICA & LINGUAGENS

VOL. 06, Nº 1 - 1º SEMESTRE - 2021

ISSN 2448-1793

DOSSIÊ IMAGENS
AUTO/BIOGRÁFICAS
NA HISTÓRIA E NA
PRÁTICA ARTÍSTICA



Literatura

CONTO

NO MEIO DA PRAÇA

Hélverton Baiano

Espantava os olhos dum menino assuntando Yorkirene, no meio da praça, engatilhada com um trabuco, que devia ser, aos olhos de hoje, uma arma bem calibrada para um alvo que era seu marido, o temido Sargento Cabral, mandado pra lá, no difundido do interiorzão, pra matar uns arruaceiros que andavam azuretando o povo pacato. Espaçavam cinco metros um do outro, distância apetrechada para acertos.

- Quéta, York, me dá essa arma. – ele dizia, olhar fixado no dela, sem trela para um desvio qualquer, vistando que ela cuspiu fogo pelas ventas.

Sem mover um nada do corpo, decidida e sem tremer, a mulher embicava o cano pro rumo dele sem uma nesga de remorso para o que pretendia fazer, dar um tirambaço no meio do corpanzil dele.

- Depois, o que você tem pra me dizer?

- Não atire, York, me dê essa arma. Menina, meu amor, isso não é brincadeira, me dê a arma. Querida, olha bem o que você vai fazer.

Ela parecia decidida, pois não arredava um trisco de onde estava e ele, entre assustado, atento e astuciando argumentos, jogava conversa mansa pra cima dela, gesticulando que nem um bicho preguiça, com uma malemolência de dar sono, sem desapregar os olhos, tentando, com as técnicas aprendidas na polícia, demovê-la do pretendido acerto dos ciúmes e cornos.

Logo a notícia correu e gente que gosta dum malfeito começou a encostar pra ver o sargento valentão morrer, logo ele que deu por cumprida a missão de matar Liozão, outro valentão e pai de meter medo. A justiça e suas acomodações no sertão. Apesar da confusão, os intrometidos faziam um silêncio de paraíso, uns querendo entender e outros entendendo até demais pra contar depois, com todos os floreados, pois assim é que é, já que não tem freio a imaginação e a futrica do povo.

Silêncio quebrado por um que queria saber e encostou no pé do ouvido do outro:

- Que latomia é essa?

- A mulher do puliça que quer matar o homem por artes do ciúme e da traição.

Yorkirene é mulher de modernidades, até para ali trazendo a moda de mulher usar calça, um estrupício que ela impôs, com argumentos de esposa do delegado e sargento. Assanhou as moçoilas aquela novidade, mas nem tanto os homens. À boca miúda, fez um fuzuê aquela moda esquisita. York diferenciava e se impunha. Vestida que nem homem, não ligava pra paçoca e não titubeava em seus propósitos. Com a arma na mão, era dona do pedaço e Cabral, aquele homenzarrão, piava fino.

- Não faça escândalo, York, calma, você sabe que eu te amo. Me dê essa arma. Isso não é coisa pra resolver aqui e nem desse jeito. – Ele falava tão baixo, que voz quase ninguém via escutar, diferente de quando costumeiramente falava grosso pra se impor aos machões como ele.

York transbordava raiva, pelo colosso impávido que se mostrava, sem piscar nem triscar.

- Devolve meu amor, desgraçado. Não vim com você pra cá pra ser desfeiteada. Confiei e agora você merece um tiro na cara, é isso que você merece, cachorro. É isso que eu vou fazer. Você pensa que eu sou o quê? Não levo desaforo e nem chifre pra lugar nenhum sem as minhas contas certas.

- Meu bem, se atirar, você vai acabar com a minha e a sua vida. De que vai adiantar você me matar? Acalma, me dê esse revólver.

- Não tem mais conversa, Cabral, você bem sabe a mulher que eu sou. Você não me merece.

Era diálogo de calma e serenidade, mesmo ela estando muito enfezada e decidida no propósito de escafeder dali o amor e a liberdade, e ele direto com a caçuleta batida no meio dos infernos. Que pra outro lugar ele não iria, é certo, certificado, com o tanto de morte enfileirada nas costas, uma ruma de mais de trinta, que era homem desses serviços aos acordos do governo.

Ela era mulher de prendas, à frente do seu tempo, contabilista e professora, ao saldo do próprio esforço, com formação na capital e deliberada nas avenças. Casada há um bom tempo, usava os artifícios que a medicina encontrou para evitar filhos, com uma tabela dos seus tempos e sexo nos seus dias certos. Correu ali que ele usufruía sexo mais a empregada doméstica da casa e Yorkirene os pegou nos provados e claros, em cima do colchão do casal. As ordenanças dela dos dias sem trepar o deixavam louco nas vontades e, numa das fraquezas, escapuliu que calhou com a empregada.

Já fazia bem uma meia hora aquela barafunda dos dois ali nos entreveros dos acertos de conta, o povo até achando que daquele mato não sairia coelho morto coisa nenhuma. Ele não aluía nas cismas de ser deveras baleado, porque conhecia a mulher que ela era, e ela não arredava com a cara séria de zangada e acutilada nos nervos.

- Vamos embora pra casa, York.

- Eu vou pra onde eu quiser, porque me respeito, você fica ou quem sabe vai pro inferno, seu desgraçado.

Ela acabou a frase, apertou o gatilho e foi embora.

IN THE MIDDLE OF THE SQUARE

Hélverton Baiano

It astounded a frightened kid the sight of Yorkirene, in the middle of the square cocking a gun, that might have been, for today's eyes, a rather over endowed weapon for the target that was her husband, the feared Sargent Cabral, sent there, to the loneliest of country sides, to kill some ruffians who messed the lives of quiet folk. In a space of some five meters geared for the bull's eye.

- Quiet down York, give me the gun – he said, eyes fixated on hers, no chance of diversion there, seen, as she was spitting fire. Without moving an inch of her body, resolute and unshaken, the Woman pointed the steel pipe at him without a hint of remorse for what she intended to do, to

buckshot his corpulence right down the middle.

- Well then, what do you have to say?

- Don't shoot me York, give me the gun. Girl, my love, this is ain't a game, give me the gun. Dear look at what you are about to do.

She seemed decided, since she did not move an inch from where she was and him, among scared, attentive and argumentative, threw some sugar-coated talk her way, gesturing like a sloth, with drowsing movements, without moving his eyes, trying, with the techniques learned on police training, to move her from the intended payback of jealousy for cuckoldry.

Soon the news had ran and people who love some mischief gathered around to see the bullish Sargent die, even him who completed the mission of killing Liozão, another local bully and lover of scaring folk around. Justice and its accommodations on hinterland. In spite of the commotion the nosy folk made a paradisiac silence, some wanting to understand while others understanding it too well to recount later, with all the flourish, because that's how it is, since folk's imagination and gossip has no breaks.

One who wanted to know, reaching closer to another's ear, broke silence:

- What in the hell is this lamentation?

- Policeman's woman wants to kill the man by artifice of jealousy and betrayal.

Yorkirene is a woman of modernity, even there bringing the wave of women wearing pants, some strangeness imposed by her, with arguments of being the wife of the deputy and Sargent. That news riled up the ladies, but not so much the men. That weird type of fashion made quite the noise on inner circles. York differed and imposed herself. Dressed like a man, she didn't care for any and didn't stray from her purpose. With gun in hand she owned the place and Cabral, that monolith of a man, spoke softly to her.

- Don't make a ruckus, York, calm down, you know I love you. Give me that gun. This ain't a thing to be solved here nor like that. – He spoke so low, that his voice was barely heard, and unlike the many times he yelled loud and proud to impose to the manly men like himself. York transpired anger; by the unyielding colossal way she behaved herself, no blinking or flinching.

- Give back my love you fool. I didn't come all the way here with you just to be disrespected. I trusted and now you deserve a bullet in the face, that's what you deserve, dog. That's what I'll do. Who do you think I am? I won't drag anyone's shit anywhere or get cucked without getting my due and settling the score.

- My dear, if you shoot you'll end my life and yours. What good will it do killing me? Calm down and give me that revolver.

- There is no more talk, Cabral, you know full well the type of woman I am.

You don't deserve me.

It was a serene and calm dialogue, even if she was so angered and decided on her purpose of taking out love and freedom, and buttoning up his wooden jacket straight down to hell. He wouldn't be going anywhere else, that was for sure, certified, with so many deaths on his back, a bunch of close to thirty, cause he was a man of those services under government's accord.

She was a well-learned woman, ahead of her time, accountant and teacher, relying on her own efforts, with graduation in the capital and deliberation in her distinction. Married a while ago, used the artifices of medicine to avoid having children, with a table of her own times and sex only

on the proper days. There ran the rumor he desired sex and the house cleaner of Yorkirene's place caught them in the middle of the action on the couple's mattress. Her orders of days without a good hump would drive him crazy with desire, until in one of those weaknesses, he took a risk with the house cleaner.

It had been more than half an hour of the two there on that noise of the trepidation of their score-setting, the people even thinking that from that shrubbery wouldn't bear a dead rabbit or anything of the sort. He didn't dally on the possibilities of ending rather shot, knowing the woman she was, and she wouldn't budge with the serious face full of anger brimming with nerves.

- Let's go back home, York.

- I go wherever I want, because I respect myself, you stay or maybe go to hell you damned fool.

She ended the phrase, pulled the trigger and left.

